

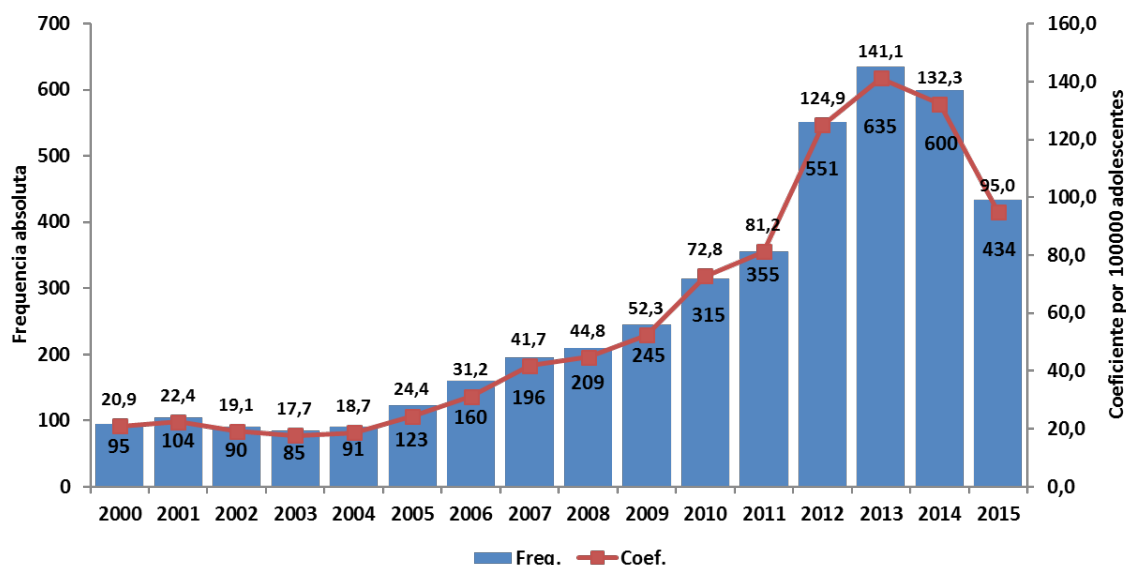
Análise epidemiológica e espacial dos homicídios de crianças e adolescentes em Fortaleza entre 2000 e 2017

Na solenidade de criação do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência na Assembleia Legislativa do Ceará, em 23 de fevereiro de 2016, foi apresentada breve análise epidemiológica e da distribuição espacial dos homicídios de crianças e adolescentes de 10 a 19 anos em Fortaleza. Os dados apresentados compreendiam o período de 2000 a 2015 e permitiram especular acerca do modelo de determinação dos homicídios no contexto da cidade de Fortaleza. A evolução da taxa de homicídios de adolescentes mostrava um crescimento exponencial a partir de 2006 que atingira seu ápice no biênio 2013-2014, sendo interrompido por uma queda brusca em 2015 (Tabela 1). Este último achado necessitava de possíveis explicações, tendo em vista a magnitude da diminuição proporcional do número de assassinatos de adolescentes em apenas um ano (redução de 30% entre 2014-2015).

Essa análise epidemiológica inicial possibilitou algumas constatações e sugeriu condições de risco associadas ao homicídio de jovens:

- As taxas de mortalidade de crianças e adolescentes de 10 a 19 anos foram significativamente maiores do que na população geral a partir de 2006;
O risco de um adolescente do sexo masculino morrer assassinado em Fortaleza em 2015 era mais de 30 vezes maior do que o de uma adolescente do sexo feminino;
A maior parte das crianças/adolescentes assassinados em 2015 estava na faixa etária de 15-19 anos (94%) e foi morta por disparo de arma de fogo (93%);
Apenas 6% das vítimas de homicídios (N=24) cursava o ensino médio, apesar de a maioria ter 15 anos ou mais;
O campo raça/cor foi pouco preenchido nas declarações de óbitos, impedindo a apreciação dessa variável;
Os principais determinantes do homicídio em crianças/adolescentes (10-19 anos) sugeridos pela análise epidemiológica eram: sexo (masculino), grupo etário (15-19 anos), escolaridade (alta taxa de distorção idade-série) e meio de agressão (arma de fogo)

Figura 1: Frequência absoluta e coeficiente de mortalidade por homicídio na população adolescente. Fortaleza, 2000 a 2015

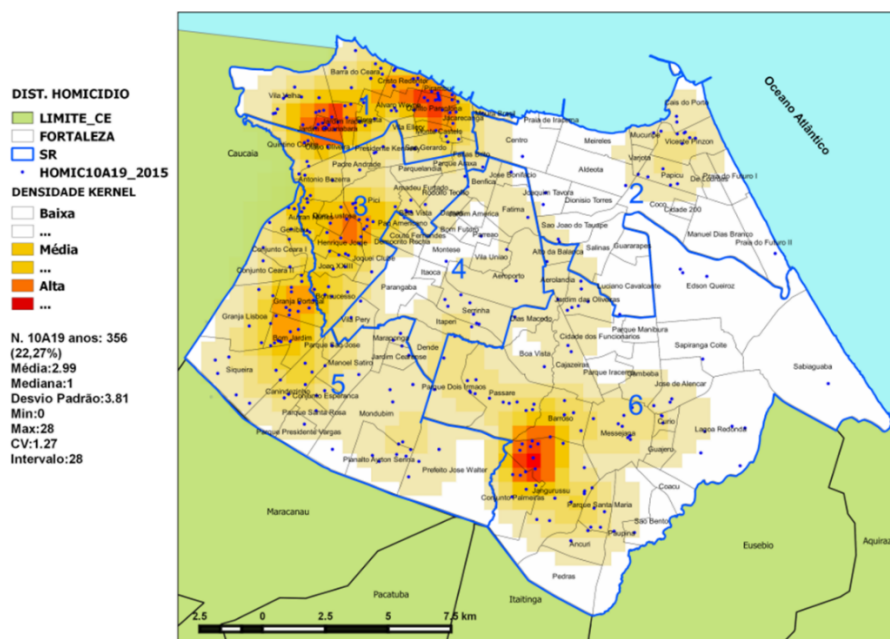


Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS

Paralelamente, ainda se referindo à apresentação do início de 2016, a análise da distribuição espacial dos homicídios de adolescentes em 2014 e 2015 nos bairros e assentamentos precários (APs) de Fortaleza, sempre baseada no endereço do domicílio das vítimas, também foi capaz de produzir achados que orientaram investigações posteriores. A concentração espacial das mortes em bairros periféricos das seis regionais e, sobretudo, em alguns APs (Figuras 2 e 3) caracterizava um padrão de dispersão dos homicídios heterogênea, com aglomerados (*clusters*) bem definidos. As principais constatações foram:

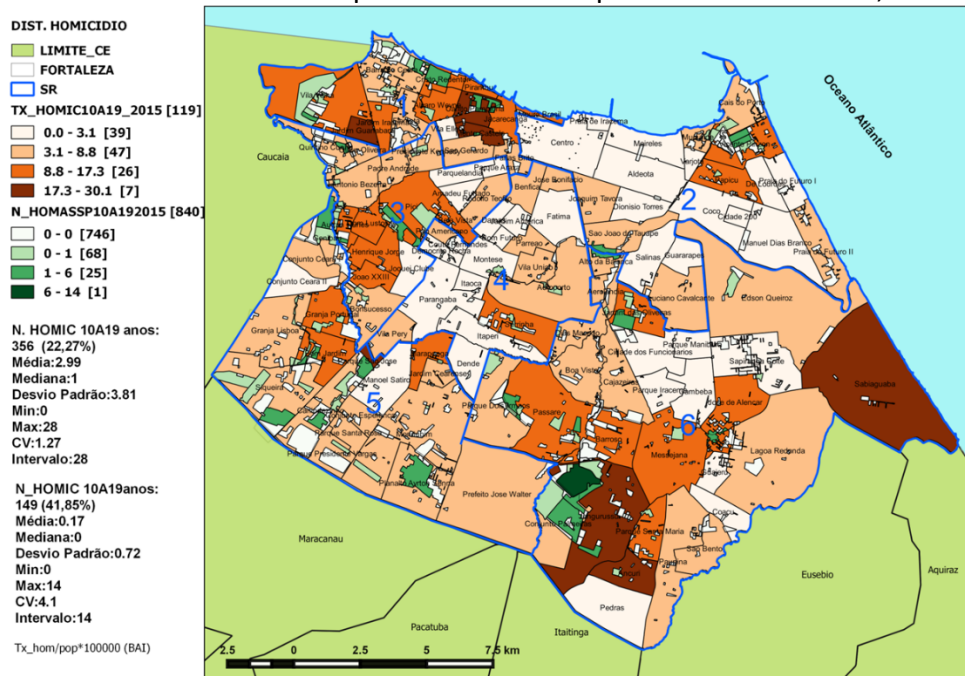
- Os homicídios de adolescentes também não se distribuem de maneira homogênea. 44% das mortes foram de moradores de apenas 17 bairros;
- 41% (149) dos adolescentes assassinados em 2015 moravam em 96 assentamentos precários (APs) de um total de 840;
- Em apenas 26 APs, mais de um adolescente foi assassinado em 2015;
- Em 746 APs não houve registro de homicídio de moradores nesse grupo etário;
- Adolescentes moradores de determinados APs estavam expostos a um risco de assassinato significativamente maior;
- A priorização de APs (em vez de unidades mais heterogêneas como bairros) para intervenções intersetoriais poderia ter alto impacto na redução dos homicídios de adolescentes.

Figura 2: Homicídios de crianças e jovens de 10 a 19 anos: Densidade de kernel por bairro. Fortaleza, 2015



Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS

Figura 3: Homicídios de crianças e jovens de 10 a 19 anos: Distribuição da taxa de homicídios por bairro e número de óbitos por assentamento precário em Fortaleza, 2015.



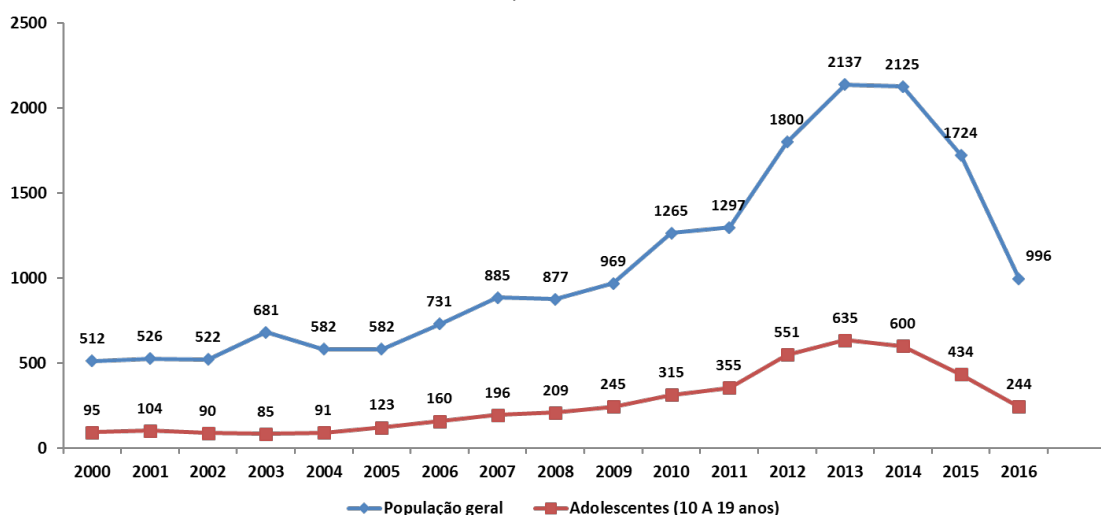
Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS

O CCPHA passou, então, a partir dessa análise inicial, a monitorar a ocorrência dos homicídios no Estado do Ceará e, particularmente, em Fortaleza. A consolidação dos dados de 2016 reforçava a tendência de queda do número de homicídios, tanto na população geral quanto,

especificamente, no segmento etário de 10 a 19 anos (Figura 4). Uma impressionante redução de 60% das mortes de adolescentes havia ocorrido em apenas dois anos, entre 2014 e 2016.

Os dados brutos não permitiam estabelecer os motivos de tão drástica mudança de cenário, mas dois fatores podiam ser considerados com maior ênfase. O primeiro seria a reorientação de políticas de segurança pública ocorrida no período. A outra possibilidade, amplamente divulgada pela imprensa e organizações não-governamentais, associava a queda do número de homicídios a “pactos de paz” selados entre facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas. A chamada “pacificação” teria como base acordos de não agressão entre os membros das organizações.

Figura 4. Frequência absoluta de óbitos por homicídio na população geral e entre crianças e adolescentes de 10 a 19 anos. Fortaleza, 2000 a 2016.

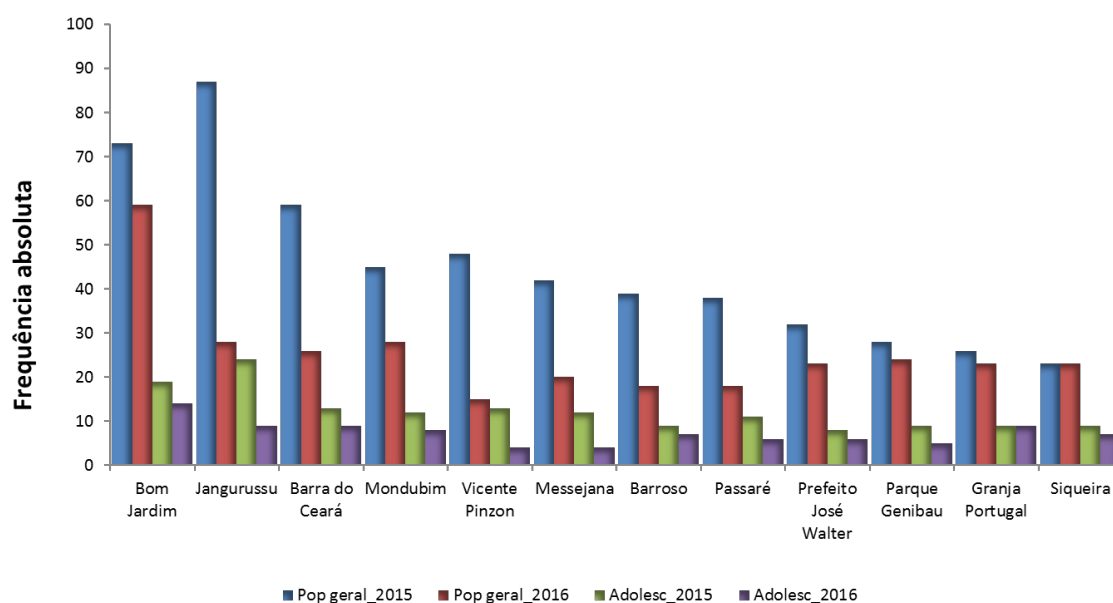


Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS

Do ponto de vista epidemiológico, uma queda tão significativa num período tão exíguo sugeria outros fatores, além do aperfeiçoamento de políticas públicas. Normalmente, a redução da ocorrência de um evento de determinação tão complexa como o homicídio tende a ser gradual e lenta. Outra evidência que deve ser levada em consideração é que a distribuição espacial (baseada no endereço do domicílio da vítima) entre os bairros da variação do número de homicídios não era homogênea e é ilustrada pela figura 4. Bairros das regionais 1 (Barra do Ceará), 2 (Vicente Pinzon) e 6 (Jangurussu, Messejana, Barroso, Passaré) apresentaram uma variação negativa proporcionalmente mais elevada. Nos bairros Jangurussu, Barra do Ceará e Vicente Pinzon, por exemplo, a redução foi próxima de 60% no número de pessoas assassinadas em apenas um ano (2015-2016). Quando comparados, a magnitude da variação foi substancialmente menor nos bairros da regional 5, em especial os que compõem o chamado Grande Bom Jardim. A constatação

de que a velocidade da variação não foi homogênea entre as áreas da cidade reforçava a hipótese de que a queda do número de homicídios poderia estar associada a outras variáveis, que escapavam à agenda institucional clássica.

Figura 5. Frequência absoluta de óbitos por homicídio na população geral e entre crianças e adolescentes de 10 a 19 anos nos doze bairros com maior número de registros. Fortaleza, 2015 e 2016.

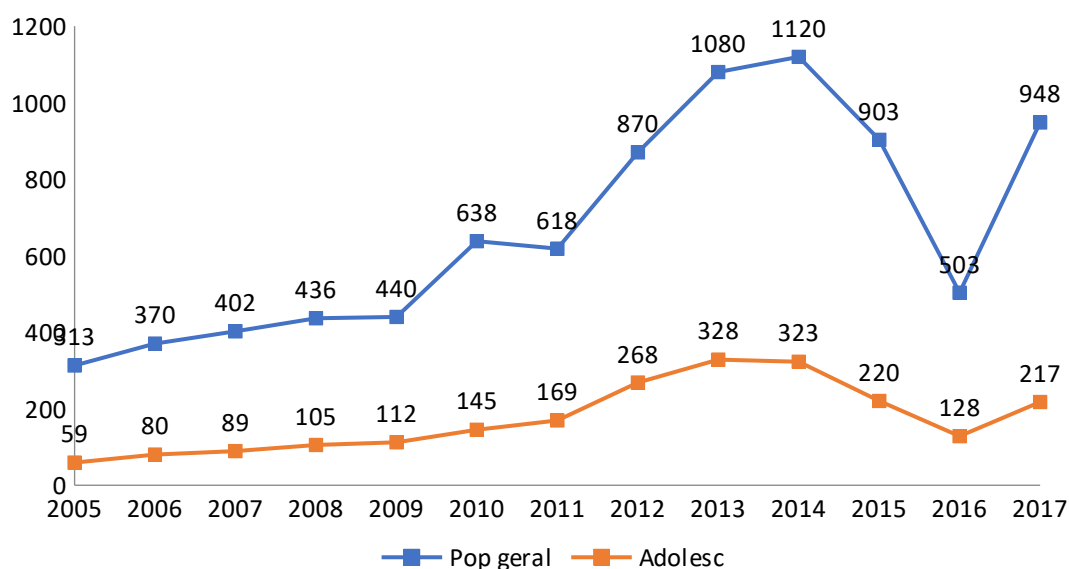


Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS

Caso a diminuição de homicídios de adolescentes observada entre 2014 e 2016 estivesse fundada prioritariamente em iniciativas de gestão, esperava-se que em 2017 houvesse uma consolidação da tendência de redução, se não ocorressem eventos extraordinários. Utilizando raciocínio análogo, se o principal fator relacionado à redução fossem “tratos de paz entre grupos criminosos”, o cenário para 2017 era imprevisível, na medida em que não se pode prever a duração de tais acordos. A figura 5 sumariza a evolução histórica do número de homicídios gerais e na população adolescente ocorridos apenas no primeiro semestre de cada ano (janeiro-junho).

Analisando apenas o biênio 2016-2017, houve variação positiva de 70% nos homicídios de adolescentes, tendência que se repetiu na população geral com maior magnitude (aumento de 88%).

Figura 6. Frequência absoluta de óbitos por homicídio na população geral e entre crianças e adolescentes de 10 a 19 anos. Fortaleza, 2000 a 2016.



Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS

Uma breve análise espacial mostra que os bairros onde o aumento foi mais significativo entre janeiro e agosto de 2016 e 2017 são aqueles que vinham registrando as maiores reduções. Esta constatação aponta para a baixa sustentabilidade da tendência de queda anterior, caracterizando uma dinâmica “errática” de ocorrência do evento, que pode estar sendo mediada, em parte, nos últimos três anos, por acordos ou desacordos entre facções. Esta é uma hipótese que deve ser exaustivamente caracterizada, uma vez que o aumento referido sugere uma “disputa” entre os criminosos, já aceita pela maioria dos atores institucionais. Novamente, citamos os bairros Jangurussu, Barra do Ceará e Vicente Pinzon, onde a queda do número de homicídios tinha sido mais expressiva entre 2015 e 2016. Observa-se na tabela 1 que o número de adolescentes mortos, residentes desses bairros, foi mais de 100% maior em 2017 do que no mesmo período do ano anterior.

Tabela 1. Variação na frequência de homicídios na população adolescente dos 17 bairros com maior registro. Fortaleza, janeiro a agosto de 2016 – 2017.

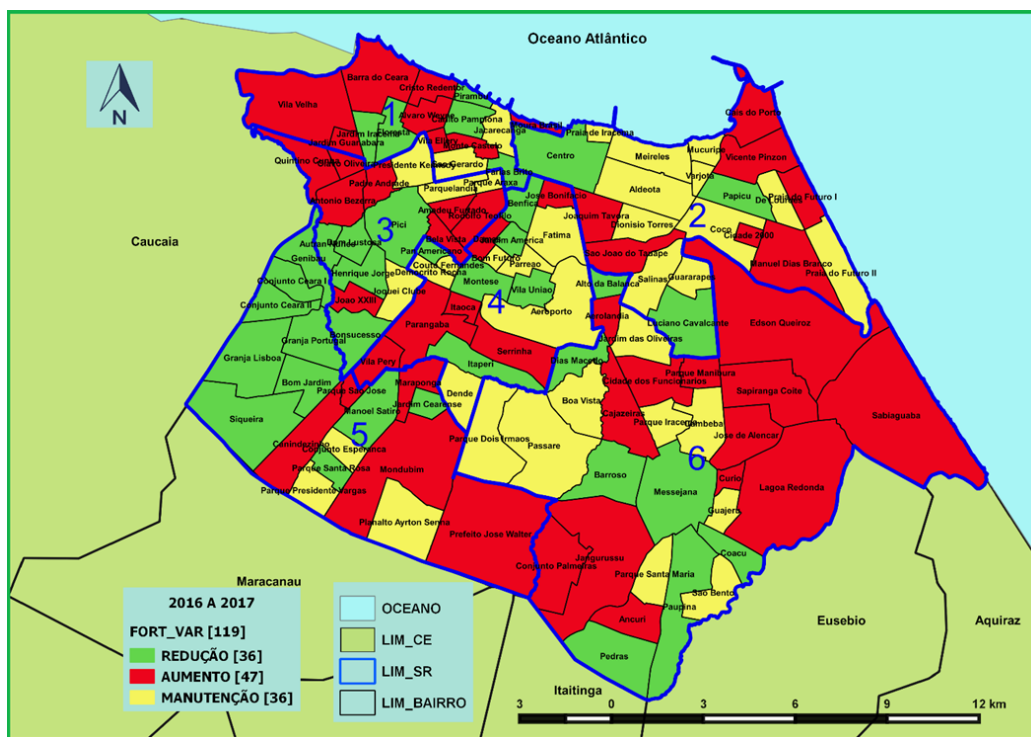
Homicídios na pop. geral	Janeiro-Agosto		Variação
	2016	2017	
CONJUNTO PALMEIRAS	0	7	700,0
CRISTO REDENTOR	1	7	600,0
EDSON QUEIROZ	1	7	600,0
QUINTINO CUNHA	0	6	600,0
ITAOCA	1	6	500,0
BARRA DO CEARA	4	16	300,0
CANINDEZINHO	3	12	300,0
AEROLANDIA	2	6	200,0
VICENTE PINZON	4	11	175,0
JANGURUSSU	8	19	137,5
SIQUEIRA	3	7	133,3
BARROSO	4	7	75,0
CIDADE 2000	3	5	66,7
MONDUBIM	8	13	62,5
PREFEITO JOSE WALTER	6	9	50,0
PASSARE	5	7	40,0
ANTONIO BEZERRA	4	5	25,0

(*) Dados de janeiro a agosto (2º Quadrimestre) por bairro de residência da vítima.

Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS

O que a tabela 1 sumariza, considerando apenas os 17 bairros com maior número de eventos, também pode ser expresso por meio de um cartograma de Fortaleza, mais uma vez baseado no georreferenciamento do endereço do domicílio das vítimas (Figura 7). As áreas com aumento mais expressivo entre 2016 e 2017 estão na Regional 6, em dois grandes aglomerados de bairros contíguos (Jangurussu/Conjunto Palmeiras e Edson Queiroz/Jardim das Oliveiras/Lagoa Redonda/Sapiranga); Regional 2 (Grande Vicente Pinzon) e Regional 1 (Grande Pirambu e Barra do Ceará/Vila Velha). São justamente esses os grandes adensamentos populacionais que haviam apresentado os melhores resultados entre 2014-2016, no que se referia à redução da violência letal contra jovens e crianças. A maior parte dos bairros da Regional 5, sobretudo os localizados no extremo oeste (Bom Jardim, Granja Lisboa, Granja Portugal, Siqueira, Conjunto Ceará I e II), reduziram o número de homicídios de adolescentes que viviam nos seus limites entre 2016 e 2017 (janeiro a junho). Essa queda, no entanto, não foi tão significativa. A dinâmica de ocorrência dos homicídios nos bairros que compõem, em especial, o grande Bom Jardim parece ter seguido um padrão mais estável desde 2014. Mantidas em patamares altos, as taxas de mortalidade oscilaram, sem exibirem francas tendências de aumento ou diminuição.

Figura 7: Homicídios em crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos: Distribuição espacial da variação proporcional, por bairro de residência. Fortaleza, janeiro a junho de 2016 a 2017.



Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) – Célula de Vigilância Epidemiológica/COVIS/SMS